

dela própria, quando, desregrada ou caprichosa, lhe desfigurou o caráter, metamorfoseando-o no homem vicioso ou fingido que lhe compete tolerar e re-educar.

Toda vez que amamos alguém e nos entregamos a esse alguém, no ajuste sexual, ansiando por não nos desligarmos desse alguém, para depois — sómente depois — surpreender nesse alguém defeitos e nódoas que antes não víamos, estamos à frente de criatura anteriormente dilapidada por nós, a ferir-nos justamente nos pontos em que a prejudicámos, no passado, não só a cobrar-nos o pagamento de contas certas, mas, sobretudo, a esmolar-nos compreensão e assistência, tolerância e misericórdia, para que se refaça ante as leis do destino. A união suposta infeliz deixa de ser, portanto, um cárcere de lágrimas para ser um educandário ben- dito, onde o espírito equilibrado e afetuoso, longe de abraçar a deserção, aceita, sempre que possível, o companheiro ou a companheira que mereceu ou de que necessita, a fim de quitar-se com os princí- pios de causa e efeito, liberando-se das sombras de ontem para elevar-se, em silenciosa vitória so- bre si mesmo, para os domínios da luz.



### F i l h o s

«Os laços do sangue não criam forçosamente os liames entre os Espíritos. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito, por- quanto o Espírito já existia antes da formação do corpo. Não é o pai quem cria o Espírito de seu filho; ele mais não faz do que lhe fornecer o in- volucro corpóreo, cumprindo-lhe, no entanto, auxi- liar o desenvolvimento intelectual e moral do filho, para fazê-lo progredir.»

Do item 8, do Cap. XIV, de «O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO».

Entre os casais, surge comumente o problema do abandono, pelo qual o parceiro lesado é com- pelido à carência afetiva.

Criaturas integradas na comunhão recíproca, o afastamento uma da outra provoca, naturalmente, em numerosas circunstâncias, o colapso das forças mais íntimas naquela que se viu relegada a escár- nio ou esquecimento.

Justo observar que toda criatura prejudicada usufrui o direito de envidar esforços na própria recuperação.

Análogo princípio prevalece nas conjunções do sentimento, sempre efetuadas com fins determinados em vista.

O companheiro ou a companheira menosprezada no círculo doméstico detém a faculdade de re-fazer as condições que julgue necessárias à própria euforia, com base na consciência tranquila.

Não existem obrigações de cativeiro para ninguém nos fundamentos morais da Criação. Um ser não dispõe de regalias para abusar impunemente de outro, sem que a vítima se veja espontâneamente liberta de qualquer compromisso para com o agressor. Em matéria afetiva, porém, se a união sexual trouxe filhos à paisagem terrestre, é razoável que as Leis da Vida reconheçam na criatura lesada a permissão de restabelecer a harmonia vibratória em seu mundo emotivo, lógicamente dentro da ética que sustenta a tranquilidade da vida íntima; entretanto, essas mesmas Leis da Vida rogam, sem impor, às vítimas da deslealdade ou da prepotência que não renunciem ao dever de amparar os filhos, notadamente se esses filhos ainda não atingiram a puberdade que lhes traçará começo à compreensão dos problemas sexuais que afligem a Humanidade.

Em sobrevindo semelhantes crises, haja no parceiro largado em desprezo uma revisão criteriosa

do próprio comportamento para verificar até que ponto haverá provocado a agressão moral sofrida e, embora se reconheça culpado ou não, que se renda, antes de tudo, à desculpa incondicional, ante o ofensor, fundindo no coração os títulos ternos que tenha concedido ao companheiro ou à companheira da comunhão sexual no título de irmão ou de irmã, de vez que somos todos espíritos imortais, interligados perante Deus, através dos laços da fraternidade real.

Aprenda o parceiro moralmente danificado que só pelo esquecimento das faltas uns dos outros é que nos endereçaremos à definitiva sublimação e que nenhum de nós, os filhos da Terra, está em condições de acusar nos domínios do sentimento, porquanto os virtuosos de hoje podem ter sido os caídos de ontem e os caídos de hoje serão possivelmente os virtuosos de amanhã a quem tenhamos talvez de rogar apoio e bênção, quando a Justiça Eterna nos venha descerrar a imensidão de nossos débitos, acumulados em existências que deixámos para trás nos arquivos do tempo.

Homem ou mulher em abandono, se tem filhos pequeninos, que se voltem, acima de tudo, para essas aves ainda tenras do páculo doméstico, agasalhando-as sob as asas do entendimento e da ternura, por amor a Deus e a si mesmos, até que se habilitem aos primeiros contactos conscientes com a vida terrestre, antes de se aventurarem à adoção de nova companhia; isso porque podem usar a atri-

buição natural que lhes compete, no que se refere a possíveis renovações, sem se arriscarem a agravar os problemas dos filhos necessitados de arrimo e sem complicarem a própria situação perante o futuro.



### Alterações afetivas

«*Pergunta* — Nenhuma influência exercem os Espíritos dos pais sobre o filho depois do nascimento deste?»

«*Resposta* — Ao contrário: bem grande influência exercem. Conforme dissemos, os Espíritos têm que contribuir para o progresso uns dos outros. Pois bem, os Espíritos dos pais têm por missão desenvolver os de seus filhos pela educação. Constitui-lhes isso uma tarefa. *Tornar-se-ão culpados, se vierem a falir no seu desempenho.*»

Item n.º 208, de «O LIVRO DOS ESPÍRITOS».

Muito comum se alterem as condições afetivas, depois que o navio do casamento se afasta do cais do sonho para o mar largo da experiência.

Converte-se, então, a esperança em trabalho e desnudam-se problemas que a ilusão envivia.

Em muitos casos, a altura da afeição permanece intacta; entretanto, na maioria das posições,